

HIPÓSTASE DOS ARCONTES: UMA NARRATIVA

Francisco Benedito Leite¹

Rogério de Lima Moura²

Resumo:

Através desse artigo apresentaremos a narrativa do texto fragmentário: *Hipóstase dos Arcontes* – pertencente à *Biblioteca Gnóstica de Nag Hammadi*. Antes de iniciar nossa apresentação narratológica daremos algumas palavras introdutórias a respeito da *Biblioteca Gnóstica de Nag Hammadi*.

Palavras-Chave: *Hipóstase dos Arcontes*; gnosticismo; *Biblioteca de Nag Hammadi*; narrativa; cristianismo.

Abstract:

Through this article we present the narrative of the fragmentary text: *Hypostasis of the Archons* – belonging to the *Gnostic Library of Nag Hammadi*. Before to begin our narratological presentation, we will give some introductory words about the *Gnostic Library of Nag Hammadi*

Key-words: *Hypostasis of the Archons*; gnosticism; *Library of Nag Hammadi*; narrative; Christianity.

¹ Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, membro do grupo de pesquisa de apocalíptica, misticismo e fenômenos visionários: Oracula; e-mail: ethnosfran@hotmail.com

² Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, membro do grupo de pesquisa de apocalíptica, misticismo e fenômenos visionários: Oracula; e-mail: rogerlima1@yahoo.com.br

Introdução: O que é a *Biblioteca de Nag Hammadi*?

A *Biblioteca de Nag Hammadi* é uma coletânea de textos gnósticos que circulava entre algumas comunidades cristãs dos primeiros séculos. Nessa coleção estão presentes textos de vários gêneros diferentes: evangelhos, epístolas apostólicas, tratados teológicos, atos dos apóstolos, apocalipses, etc; assim como o Novo Testamento. No entanto, estes livros estiveram perdidos durante vários séculos. Os estudiosos só os conheciam através de críticas que seus opositores, os Pais da Igreja, fizeram-lhes.

O sumiço desses livros aconteceu devido a algum fato que está relacionado com sua rejeição pelo cristianismo institucional posterior à sua oficialização como religião oficial do Império Romano. Pois, alguns dos Pais da Igreja, sobretudo Irineu de Leão (130-202 d.C), lhes atribuiu veemente crítica e, a partir de então, esse conjunto de livros passou a ser rejeitado pelos cristãos da facção majoritária, tida como oficial, que construía um cânon – que culminaria no livro que conhecemos como *Bíblia* –, que estava se formando em oposição ao grande número de livros que se pretendiam sagrados, como esses.

Através de seu livro: *Detectando e desmascarando a assim chamada gnosis* – também conhecido como: *Contra todas as Heresias*, (1992) – Irineu, enquanto realiza a obra missionária na Gália, pretendeu proteger os fiéis, membros de comunidades cristãs da Ásia Menor, de uma facção do cristianismo que ele afirmava ser falsa. Seu livro fez muito sucesso e esses cristãos criticados por ele, os *gnósticos*, foram suprimidos pelas outras seitas cristãs, e futuramente também pelo Império Romano, que após tomar o cristianismo como sua religião oficial, proibiu manifestações religiosas que se opusessem às normas impostas recentemente pela liderança da seita cristã tida como oficial, decididas através de Concílios. Devido a esses fatos os cristãos gnósticos sumiram e junto com eles seus escritos.

Contudo, surpreendentemente, em 1945, em uma caverna em Nag Hammadi – uma aldeia ao norte do Egito – um camponês encontrou uma grande jarra de argila com vários papiros com textos escritos em copta – certamente eram traduções do grego – os quais, depois de passar por vários infortúnios como: sofrer, ao ter algumas de suas páginas lançadas na lareira e até mesmo por causa da rinha de eruditos que retardaram sua edição; foi finalmente

editado por J. Robinson em 1977³. Assim, hoje esses textos estão à disposição dos interessados e não dependemos mais de Irineu para conhecer o gnosticismo, agora podemos ouvir sua voz.

A *Biblioteca de Nag Hammadi* não é uma obra coesa, assim como a *Bíblia* ela se constitui de uma variedade de escritos destoantes, que às vezes contam a mesma história de várias formas diferentes, pois, certamente, não saíram da tinta da mesma caneta, mas gozavam de certa semelhança entre si no que diz respeito à sua teologia. Sabemos que existiam mais escritos nessa biblioteca, e que ainda existem outros escritos que apesar de não estarem incluídos aí, fazem parte da mesma cosmovisão religiosa.

Devido à pluralidade presente nesses múltiplos textos, tomamos para a realização desse exercício apenas um breve texto, *A hipóstase dos Arcontes [Realidade dos Soberanos]*⁴. Esse escrito é uma versão gnóstica do mito da criação e para não inferir mais pressupostos à narrativa, segue sua apresentação narratológica.

Os personagens, o narrador e seus lugares na narrativa

É sempre um risco falar dos personagens de um mito, às vezes parece difícil saber quem é quem; mais difícil ainda enquadrá-los estritamente nas categorias que a narratologia desenvolveu, contudo, segue o nosso esforço de apresentar as características de cada um dos personagens desse mito.

Nessa narrativa existem três categorias de personagens diferentes, os que estão na esfera dos deuses, mas não na esfera do mundo superior; os que estão no mundo superior (inocorrupibilidade) e os que estão na terra. Exceto Samael, os demais deuses não tem suas histórias contextualizadas, eles são referidos como se já fossem conhecidos.

No centro da narrativa estão os feitos de deuses que estão na esfera inferior à inocorrupibilidade, mas superior à esfera da vida na terra, são eles: Samael e as autoridades da escuridão. O personagem mais referido ao longo da narrativa é *Samael*, “deus dos cegos”,

³ Contamos com a tradução dessa obra para o português; ROBINSON, James M. *A biblioteca de Nag Hammadi: A tradução completa das Escrituras Gnósticas – tradução Teodoro Lorent*. São Paulo: Madras, 2006.

⁴ _____ *A Hipóstase dos Arcontes – tradução para o inglês: Bentley Layton; introdução: Roger A. Bullard* In: ROBINSON, James M. *A biblioteca de Nag Hammadi: A tradução completa das Escrituras Gnósticas – tradução Teodoro Lorent*. São Paulo: Madras, 2006.

também chamado de: “o chefe das autoridades da escuridão”, Sakla e Yaltabaoth. Seu surgimento se deu através da sombra do véu que existe entre o mundo superior e os reinos inferiores, “era uma besta arrogante, semelhante a um leão”. Esse deus se pressupunha o único e afirmava arrogantemente ser o único, o que fez com que ele fosse castigado, primeiramente sendo perseguido por Pistis Sophia e depois por sua filha Zoe. Samael era andrógino, construiu um vasto reino e sete frutos, após tê-los criado, declarou-lhes ser ele próprio o deus da totalidade, o que lhe acarretou seu aprisionamento no Tártaro, após ser amarrado por um anjo furioso sob ordem de Pistis Sophia.

As *autoridades da escuridão*, ou os soberanos, parecem ser os sete frutos de Samael, os sete andróginos, grupo do qual ele era o chefe. Samael várias vezes fala no plural, como se estivesse convidando seus frutos a agirem com ele, nada se fala desses personagens, a não ser de um especificamente: *Sabaoth*, “o deus das forças”. Esse, ao ver o anjo furioso que amarrara seu pai, “se arrependeu e condenou a matéria de seu pai e sua mãe” e cantou hinos a Pistis Sophia e sua filha Zoe. Com esse feito ele foi posto como encarregado do sétimo céu, o que acarretou a inveja de seu pai. Quando posto nesse cargo Sabaoth “construiu uma enorme carruagem de *cherubim* de quatro caras e uma infinidade de anjos para agir como ministros, assim como harpas e liras”.

Também existe a presença do *abismo* que é a mãe de Samael, extrapolaria as intenções de análise narratológica distinguir se isso é apenas uma linguagem metafórica ou se o abismo possui uma vida e é uma divindade, por isso, afirmamos apenas sua dúbia existência como personagem.

Numa esfera superior a esses personagens estão: “Incorruptibilidade ou pai da totalidade”, Pistis Sophia, Zoe, Eleleth e o Espírito Santo. É difícil apresentar a *Incorruptibilidade*, ou *pai da totalidade*, pois a única ação atribuída a ele concretamente em toda a narrativa é “olhar para baixo na região das águas”, em outros momentos em que se fala da incorruptibilidade, o narrador parece se referir a um lugar, onde o deus desse mesmo nome está juntamente com Pistis Sophia e Zoe. *Pistis Sophia* executa uma das punições sofridas por Samael, “ela o persegue até o caos e o abismo”, ela também é descrita tentando criar algo sozinha, sem a ajuda de um parceiro, o produto que surge é “um evento celestial”. *Zoe*, semelhantemente a sua mãe Pistis Sophia, executa um juízo sobre Samael, ela soprou um anjo furioso que o amarrou e o lançou no Tártaro e depois, juntamente com sua mãe, coloca

Sabaoth como encarregado do sétimo céu. *Eleleth* é o anjo que narra boa parte da história, narrador intradieгético homodieгético⁵, que conta sua história mimeticamente, ele não narra toda a história, pois uma voz oculta, que a começa, é o narrador extradieгético. Devido ao estado fragmentário, não sabemos delimitar quando começa sua voz e termina a do narrador oculto, ou se ao contrário do que estamos descrevendo, existe apenas uma. Mas, sabemos com certeza que quando Norea é perseguida pelos soberanos, ele a livra e conta a história que parcialmente já havia sido narrada nas primeiras linhas do texto. Assim ele se apresenta: “Sou Eleleth, a sagacidade, o grande anjo que fica na presença do Espírito Santo... e devo ensiná-la sobre suas raízes”.

Abrindo parênteses na apresentação dos personagens para tratar da *relação narrador/narratário e leitor real*⁶, não sabemos por que o autor implícito se aproveita dessa figura “Eleleth”, pois, não conhecemos qual a relevância que possuía para seu narratário. Na verdade, sabemos ainda menos do leitor real, mas sabemos que, além de Eleleth, o apóstolo Paulo também é uma figura de importância para ele, visto que o fragmento que nos chegou às mãos começa com duas citações suas (*Cl* 1.13; *Ef* 6.12), e sobretudo, sabemos das relações desse leitor real com as tradições do *Antigo Testamento*, vemos citações quase literais de *Gênesis*, só não podemos inferir se o autor utilizou-se da *Septuaginta* ou da *Bíblia Hebraica*, pois o texto que nos chegou a mão está em copta mas fora redigido em grego. Ambas as possibilidades tem relevância, pois embora a relação com a Septuaginta seja muito mais sugestiva, as palavras hebraicas, como *Sabaoth*, *cherubim*, *Yaltabaoth*, *Samael* e *Eleleth* sugerem uma relação com a oralidade da língua hebraica. Acrescentemos ainda que a cultura helenística também se manifesta claramente, com seus nomes de deuses não traduzidos: *Zoe* e *Pistis Sophia*, além de Norea como uma possível referencia à divindade da cosmologia gnóstica de mesmo nome. Outrossim, para complicar ainda mais a situação, também há o Espírito Santo, que remete ao cristianismo.

A respeito do narratário, o autor implícito é claro ao dirigir as palavras do narrador em direção a ele em segunda pessoa do singular antes do início da narrativa, quando afirma:

⁵ Diz-se do narrador que está no interior da narrativa, contando um evento do qual não participa, assim como Jesus quando conta parábolas nos evangelhos canônicos (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, pp. 39-41).

⁶ Conforme a metodologia proposta pela narratologia, não se pergunta pelo autor (ainda que se saiba da existência de um “autor implícito”) e pela “comunidade” que primeiro leu o texto designado (ainda que se saiba da existência de um “leitor real”), a pergunta a ser feita é transita em torno de quem narra (narrador) e de quem é o leitor projetado pelo narrador no interior da própria narrativa (narratário). (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, pp. 21-24).

“Tenho enviado isto para ti, porque tu me indagaste sobre a realidade das autoridades”. Parece que qualquer crente do grupo religioso do autor sente que este escrito é direcionado a ele, porém achamos melhor não enclausurar o leito real com afirmativas que o estanque nesse ou naquele grupo ou sociedade, aliás, nesse tipo de texto e na leitura que realizamos, essa possibilidade se torna tão difícil quanto desnecessária.

Retomando a apresentação do último personagem que resta nessa esfera, o *Espírito Santo* é pouco referido, apenas citado duas vezes, só sabemos que Eleleth fica em sua presença e que as autoridades tentavam fazer com que a humanidade não se devotasse a ele. Mas é necessário que notemos que ele – e Eleleth que sempre estava em sua presença – não estão necessariamente na esfera da incorruptibilidade, mas apenas acima das outras duas esferas.

Na esfera da terra, estão os personagens: Adão, Eva, a mulher carnal; a cobra, Caim, Abel, Seth, Norea (Orea): Noé e o espírito feminino, que embora pareça estar relacionado com os soberano, sempre se manifesta na terra; *Adão* foi modelado a partir do barro pelas autoridades que intencionaram modelá-lo semelhante às formas do corpo e da imagem do deus que havia aparecido na água. Apesar de tê-lo moldado as autoridades não podiam dar-lhe vida, o que só foi possível com a permissão do pai da totalidade; *Eva* é feita a partir de Adão pelas autoridades, apesar disso Adão lhe diz “És tu que deste-me a vida, tu serás chamada de ‘a mãe dos vivos’ – pois é ela quem é a minha mãe. É ela que é a médica, a mulher, aquela que dá a luz”. Eva, intitulada como mulher carnal, engana as autoridades que pensam tê-la corrompido, mas, na verdade eles corrompem o princípio feminino, que se esconde na sombra, onde, deixam sua semente. Depois ela é ensinada pela cobra e come do fruto da árvore proibida e o dá ao seu marido, a participação de ambos acaba após serem expulsos do paraíso e gerarem Caim, Abel, Seth e Norea; A *cobra* é apresentada sendo tomada pelo *princípio feminino* que vem a ela para que ela fale com a mulher, logo depois o princípio feminino deixa a cobra que é amaldiçoada pelas autoridades; *Caim* e *Abel* são apresentados de maneira semelhante ao que está escrito na *Bíblia*, um é agricultor, o outro é pastor, Deus aceita o sacrifício de Abel e não o de Caim. Então Caim persegue Abel, e “Deus” – a essa altura não se sabe qual – pune Caim a viver tremendo e lamentando sobre a terra, e qualquer que lhe matar desencadeará sete vinganças; Quanto a *Seth*, apenas se sabe que ele é o substituto de Abel; *Norea*, também chamada uma vez de *Orea* – talvez por causa de um erro do copista – tem papel ainda mais importante, pois em relação com os

personagens da terra, ela se destaca como a heroína desse mito. Ela não recebe permissão para entrar na arca de Noé, então a assopra e faz com que ela seja consumida pelo fogo e Noé tenha que construir outra, depois ela é perseguida pelas autoridades que pretendem “desorientá-la”, onde ocorre o ápice da narrativa, pois, em um momento dramático o anjo Eleleth aparece para livrá-la e contá-la a história, a qual se resume a narrativa nas duas esferas superiores. Esse personagem figura na narrativa ao lado das personagens bíblicas embora não seja uma, mas está relacionada com a cosmologia gnóstica em diferentes círculos; *Noé* recebe a ordem de uma das autoridades para construir uma arca, pois as autoridades tinham se reunido e decidido acabar com a humanidade através do dilúvio; ele tem uma breve relação com Norea, ao não permitir que ela entre na arca.

Ainda existe uma personagem mais enigmática que as demais, o *filho* que se encontra na penúltima frase do texto, ele se revelará no futuro e presidirá a totalidade e sobre cada um. Nada mais sabemos a seu respeito.

Enquadrar cada um desses personagens num esquema narratológico pode enclausurá-los, pois esse mito não se enquadra no gênero novelístico greco-romano, além disso, se encontra em estado fragmentário. Porém, podemos afirmar, em linguagem narratológica e com certa segurança, que Norea se destaca como o sujeito da narrativa, e que as autoridades são seus oponentes, e Eleleth é seu destinador. A maioria dos outros personagens da esfera terrestre são apenas coadjuvantes que formam um plano de fundo para a narrativa.

Espaço

A divisão dos personagens em três esferas já adiantou a apresentação que realizaremos agora, pois o enredo também se manifesta sendo dividido nessas mesmas três esferas, **A)** esfera da incorruptibilidade; **B)** esfera dos soberanos e **C)** esfera da terra. Contudo, lembremos que dois personagens, apesar de estarem acima das duas outras esferas, não são apresentados estando na esfera da incorruptibilidade, o que dá uma consciente fragilidade a esse esquema narratológico que nos propusemos a realizar; cuja intenção não deve passar da proposta a um esquema de análise. Assim, mantemos nossa sugestão, porém, conscientes de sua passividade diante da crítica.

A) Esfera da incorruptibilidade

Como seria sugestivo pensar, na esfera da incorruptibilidade nada acontece na narrativa, idéias teológico-filosóficas alimentariam essa caracterização. Uma áurea impassível envolve os personagens dessa esfera, os quais só realizam algum ato concreto quando deixam a incorruptibilidade em direção às esferas inferiores, como fez Pistis Sophia e sua filha Zoe. O pai da totalidade, a Incorruptibilidade, é a expressão máxima do lugar onde habita.

No entanto, a idéia da impassividade é contradita diante do fato de ele “olhar para baixo na região das águas”; e, outra contradição a uma total impassividade desse lugar, é o fato dele projetar sombra ao mundo inferior, que dá uma concretude à plasticidade do lugar; e ainda Pistis Sophia, nesse mesmo lugar, deseja e produz algo sozinha: um evento celestial (sua filha Zoe?).

Não se sabe se existia mais alguém nesse lugar (talvez não se queira, ou não se possa, ou não se cogite saber) além dos três claramente apresentados, pois, o Espírito Santo – e Eleleth, que sempre está em sua presença – não são designados como se estivessem nessa esfera e tampouco estão em qualquer das outras esferas, o que faz com que esses dois rompam o esquema estritamente tripartite, e permaneçam pairando ao seu lado, pois devemos permanecer conscientes que nossa descrição narratológica não pode romper com a liberdade do enredo mítico.

B) esfera dos soberanos

Abaixo desse lugar/não-lugar, chamado incorruptibilidade, está um ambiente onde muito mais coisas acontecem. A princípio recebemos a informação de que este seja o mundo inferior, onde a sombra do véu da incorruptibilidade veio à existência e “ (...) se tornou matéria; e essa sombra foi projetada à parte. E o que ela criou se tornou produto na matéria como um feto abortado”.

Assumimos a ambiguidade, seja ela proposital ou não desse trecho do mito, e certamente a nossa impossibilidade de compreensão – como ocorrem em diversos outros momentos ao decorrer da leitura –; porém, arriscamos afirmar nossa interpretação de que a sombra se desprende em dois movimentos diferentes: gerar a matéria e ao se projetar à parte

criar o produto da matéria como um feto abortado, que são os soberanos. Assim, da sombra surge o *lugar matéria*, mas também os soberanos.

Esse *lugar matéria* não é onde os soberanos permanecem ao longo da narrativa. O *lugar matéria* parece ser a esfera da terra (que apresentaremos no *item C*, a seguir), os soberanos ficam, em geral, em um lugar não descrito e às vezes aparecem nesse lugar matéria. Assim fizeram ao criar o homem do barro, ao falarem com o homem e ao sentenciarem-no juntamente com a serpente, depois ao falarem com Caim, com Noé e ao tentarem desorientar Norea; todavia, esse não é o lugar verdadeiro deles na narrativa.

Na verdade eles planam entre incorruptibilidade e lugar matéria – embora eles próprios de alguma forma sejam matéria. Prova disto é que eles por várias vezes tomam decisões em conselhos, como sugere suas repetitivas falas no plural e a clara citação desse evento quando resolveram causar o dilúvio.

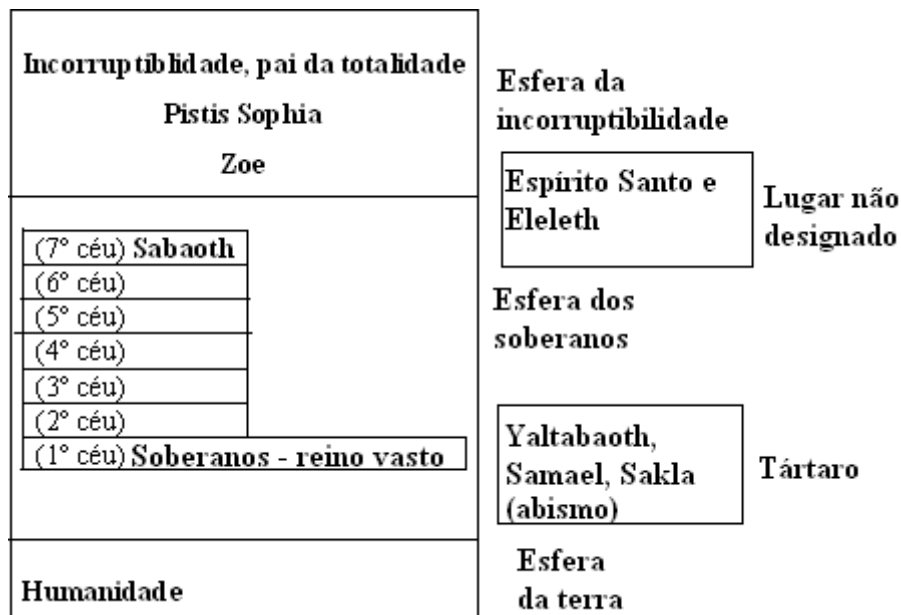
Pelo menos em duas ocasiões temos a descrição do lugar, onde, ao menos um deles é posto, o sétimo céu, não todos eles, mas apenas Sabaoth; em outro momento temos a notícia de que Samael, apenas ele, é perseguido até o abismo e em outro momento, talvez a repetição da mesma notícia, Samael é aprisionado no Tártaro pelo anjo furioso surgido do sopro de Zoe. Aparentemente antes de ser aprisionado Samael “construiu para si um vasto reino, uma extensão sem limites... e criou para si sete frutos, todos andróginos como ele”; nos parece que os soberanos, (se é que Samael era um soberano, na verdade parece estar acima dessa categoria por ser o pai deles), exceto Sabaoth e Samael que certamente não se enquadram nessa categoria, pois antecedem aos referidos soberanos.

A partir dessas descrições afirmamos que na *esfera dos soberanos* existe sobreposto, um a outro: o *sétimo céu* onde está Sabaoth, o *vasto reino* onde estavam os demais soberanos e o *Tártaro* onde Samael foi aprisionado.

C) esfera da terra

Na esfera da terra temos as ações dos personagens humanos, sobretudo, as repetições adaptadas e parafraseadas das narrativas do livro bíblico de *Gênesis*. Mas como já apresentamos acima, às vezes os soberanos se intrometem, e em uma ocasião especial Eleleth também, para socorrer Norea.

Através do seguinte gráfico tentamos demonstrar o que acima afirmamos;



Tempo

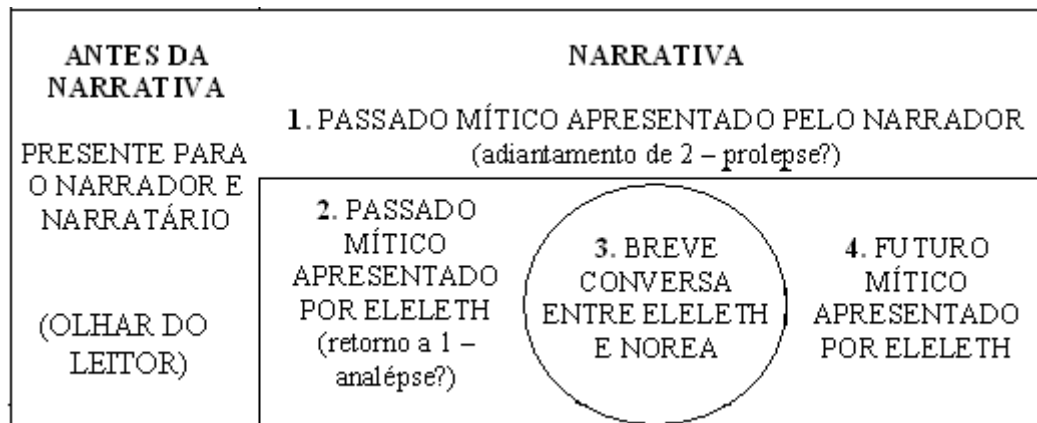
O que dizer narrativamente do tempo mítico, como apresentado em *Hipóstase dos Arcontes*? Certamente neutralizaríamos seus efeitos se pretendêssemos dividi-los em passado presente e futuro. Qualquer descrição parece fugidia, esquiva e contraditória, como é natural no mito, conforme afirmou o cientista da religião Mircea Eliade em suas obras, em especial *O mito do Eterno Retorno* (2000), por isso tentaremos apenas delinear algo bem sucinto a respeito do tempo.

Antes de começar a narrativa, como se fosse um prefácio, o autor implícito dá algumas palavras introdutórias e faz duas citações do apóstolo Paulo, essas palavras parecem se inserir com a pretensão de que seu narratário se compreenda no mesmo tempo que o leitor, pois o termo “nós” não parece apenas uma identidade de grupo, mas também uma identidade de quem compartilha o mesmo período na existência.

Em seguida começa a narrativa e conseqüentemente a fuga das designações temporais. Do trecho que vai do começo da narrativa, após o brevíssimo prefácio, até a linha anterior ao início de 94 apresenta-se uma narrativa acontecida em um tempo no passado mítico, realizada por uma voz oculta. Porém, a partir da última linha de 93 um novo personagem – Eleleth – se insere na narrativa e a reconta desde o princípio, “o mito contado

no mito” que se encerra em 96 quanto Eleleth diz: “Pronto, tenho te ensinado sobre o padrão dos soberanos”, uma breve conversa entre Eleleth e Norea se põe antes de outro mito que fecha a narrativa, porém esse ultimo mito é escatológico e diz respeito ao que acontecerá.

Apesar da notável repetição é difícil designar se a narrativa em voz oculta seja prolepse⁷ da narrativa de Eleleth, ou se a narrativa de Eleleth seja analépse⁸ da narrativa da voz oculta, ou ambos. Provavelmente seja a esse movimento cíclico que o autor implícito quer remeter os seus leitores. E ainda mais, o leitor sente uma relação de proximidade com Norea que está no centro deste ciclo mítico, como se estivesse no olho de um ciclone.



As cenas da narrativa

Após termos conhecido os personagens e o espaço e o tempo da nossa narrativa mítica, agora esboçaremos uma tentativa de recapitulá-los episodicamente:

1. *Introdução*: Primeiramente o narrador oculto, assumindo sua ausência do interior da narrativa, inicia sua fala mostrando suas credenciais através das citações paulinas que o colocam na continuidade de alguma tradição interpretativa do apóstolo dos gentios, e ele diz que esse texto é uma resposta para “tu” que o questionaste, dando uma proximidade ao leitor.

⁷ Repetição do mesmo evento narrado estrategicamente a priori (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 119).

⁸ Repetição do mesmo evento narrado estrategicamente a posteriori (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 119).

2. *Samael acha que é o único Deus e por isso é punido*: A narrativa começa repentinamente, sem explicar quem seja Samael e de onde veio. O drama se inicia realmente quando ele afirmar ser o único deus, daí uma voz surge da incorruptibilidade e do mesmo lugar desce Pistis Sophia que o pune, perseguindo até o abismo. Estando nesse lugar ele estabelece seus frutos e começa o mundo visível.

3. *As autoridades da escuridão se apaixonam pela Incorruptibilidade*: a narrativa não fala mais temporariamente de Samael, mas sim de autoridades da escuridão, que são os seus frutos, esses estão habitando a matéria, quando a Incorruptibilidade olha para as águas e eles se apaixonam por ela.

4. *As autoridades tentam fazer do barro um homem semelhante ao deus que havia olhado nas águas*: Uma voz na primeira pessoa no plural convida os outros a fazerem uma imagem a partir do barro, daquele que eles viram o reflexo nas águas; apesar de modelá-lo a tentativa de dar-lhe vida é vã, até que por uma permissão do pai da totalidade o homem ganha vida. Não está claro, mas parece que o vento que anima o homem vem da incorruptibilidade.

5. *Surge o ser humano masculino*: O homem chamado Adão é posto no paraíso, a incorruptibilidade faz com que os soberanos ajuntem todos os seres vivos diante de Adão para que ele os nomeie. Adão também é posto em um paraíso e aí recebe a ordem provocadora dos soberanos para não comer um determinado fruto para que não morra. Todavia, essa ordem, para que ele não coma o fruto, só pode ser uma ironia, que se fundamenta em uma provocação à fraqueza de seu princípio material.

6. *Surge o ser humano feminino*: abrindo a carne de Adão os soberanos lhe fazem uma mulher e Adão, apesar de ter sido o dono da matéria prima que a gerou, lhe diz: “És tu que deste-me a vida, tu serás chamada de ‘a mãe dos vivos’ – pois é ela quem é a minha mãe. É ela que é a médica, a mulher, aquela que dá a luz”. Seu nome é Eva.

7. *As autoridades se apaixonam por Eva e tentam corrompe-la*: Ao verem o relacionamento do homem com a mulher, as autoridades se alvoroçam e se apaixonam por ela, e novamente, através de um acordo decidido na primeira pessoa do plural, desejam deixar sua semente nela. Eles a perseguem, ela ri de suas imbecilidades e os engana com uma árvore, permitindo que eles desonrassem sua sombra. Logo após o princípio feminino que estivera na sombra desta árvore se direciona à cobra.

8. *A cobra ensina o casal*: O princípio feminino veio na cobra, a instrutora, e ela disse a Eva que caso eles comessem do fruto que haviam sido proibidos, eles não morreriam e os olhos deles se abririam e eles seriam como deuses, havia sido por inveja que tinham dito para que eles não comessem. Terminando sua fala o princípio feminino sai da cobra e ela volta a ser apenas um animal. Eva come o fruto e dá ao seu marido e acarreta para ambos punição da parte do chefe dos soberanos, sua condenação é permanecer fora do paraíso, distraído e sob vida árdua.

9. *A prole de Adão e Eva*: O casal gerou três filhos, Caim, Abel e Seth – como narra a escritura. A narrativa da história de Caim e Abel e o primeiro homicídio é bem próxima ao que está escrito em *Gênesis* e Seth é apresentado como substituto de Abel. No entanto em *Hipóstase dos Arcontes*, a personagem Norea endossa a narrativa “ela é a virgem cujas forças não se corrompem”, se tornando a quarta, dentre os filhos de Adão e Eva, de forma diferente da narrativa canônica.

10. *Noé contra Norea*: Quando a humanidade se multiplica, os soberanos se reúnem em conselho para destruí-la, mas um dos soberanos avisa Noé para que este faça uma arca e salve a si, seus filhos e salve também os animais. Noé fabrica a arca e Norea pede que ele a deixe entrar, ele nega, ela destrói a arca, que após é reconstruída.

11. *As autoridades desejam embarçar Norea*: Assim como possuíram Eva, as autoridades desejam possuir Norea, ela nega, diz que eles nunca possuíram sua mãe, mas apenas sua parceira feminina. Eles insistem na afirmativa a respeito de Eva. Quando Norea parece cercada ela clama para o sagrado, para que o deus da totalidade a proteja. O anjo Eleleth desce, as autoridades se afastam. O anjo a tranquiliza dizendo que as autoridades não tem poder sobre ela e sua geração. Ela pede que o anjo a conte a historia dessas autoridades (curiosamente em primeira pessoa do singular).

Inicia-se um grande parênteses na narrativa para que o mito seja contado novamente, dessa vez é o mito dentro do mito.

11.1. *O surgimento de Samael*: Eleleth como apresentando de onde Samael surgiu, fato que havia sido omitido até aqui. Ele surge da sobra que o mundo superior gera ao se projetar no mundo inferior. Dessa sombra surge Samael e a matéria.

11.2. *A arrogância de Samael*: Ao abrir os olhos e olhar para os lados e se ver sozinho na matéria tão extensa, Samael se enche de arrogância e afirma ser o único. Então se repetem os eventos já referidos quanto a sua punição, efetuada por Pistis Sophia, com alguns acréscimos que não foram mencionados naquele momento.

11.3 *O vasto reino de Samael e seus frutos*: Após ser levado até a região do caos, Samael constitui um reino e sete frutos, afirmando para esses que ele era o deus da totalidade, o que gerou sua segunda condenação, agora, através de Zoe, que soprou um anjo furioso que o amarrrou no Tártaro.

11.3 *Sabaoth se arrepende*: Diante da punição de Samael, um de seus frutos se arrependeu e louvou Pistis Sophia e Zoe, que o colocaram no Sétimo céu, onde ele estabeleceu uma enorme carruagem de *cherubim* de quatro caras e uma infinidade de anjos ministros. Enquanto isso, no oitavo céu Pistis Sophia assentou sua filha a sua direita e a ensinava. Yaltabaoth (Samael) teve inveja de seu filho e com essa inveja gerou a morte. Mas tudo acontecera sob a permissão do pai da totalidade, conforme cochichava Eleleth. Assim ele fecha esses enormes parênteses e encerra o mito dentro do mito e retoma a conversa com Norea.

12. *Um brevíssimo dialogo entre Norea e Eleleth*: Após conhecer a gênese das autoridades Norea pergunta a Eleleth se também ela vem da matéria deles. Ele responde que não e diz os motivos que a isentam da pertença a essa estirpe. A réplica de Norea é a pergunta: – Quando se dará o tempo em que serão libertos das amarras das autoridades? A resposta do anjo remete a outro mito dentro do mito, dessa vez um mito escatológico.

Considerações finais

Tentamos realizar uma apresentação narratológica de *Hipóstase dos Arcontes*, porém estamos conscientes que em um momento ou outro deixamos nosso ofício teológico dar um ou outro pitáco, contudo, sem acreditar que isso tenha contaminado determinadamente nossos objetivos iniciais, pois sabemos que a neutralidade não passa de uma ilusão positivista e que os interessados na pesquisa de um mito como esse na maioria dos casos são teólogos, ou estão relacionados com interesses a fim.

Não sabemos se essas lógicas, apresentadas ao longo desse nosso texto, se esquivam da lógica do mito da *Hipóstase dos Arcontes*, mas as referimos para que isso não sirva de pretexto para a não realização de uma análise, o importante parece ser a noção de nossa limitação diante da grandiosidade e profundidade de um mito como esse.

A Biblioteca de Nag Hammadi é um exemplo de um amplo campo de pesquisa semi-virgem no que diz respeito a análises realizadas pelas disciplinas nas áreas de humanidades. Fica nossa contribuição, como exemplo de acesso não teológico a essa rica fonte de pesquisa do mundo antigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. *A Hipóstase dos Arcontes – tradução para o inglês: Bentley Layton; introdução: Roger A. Bullard* In: ROBINSON, James M. *A biblioteca de Nag Hammadi: A tradução completa das Escrituras Gnósticas – tradução Teodoro Lorent*. São Paulo: Madras, 2006.

ABBOTT, H. Porter. *The Cambridge Introduction to Narrative*. New York: Cambridge University Press, 2008.

ELIADE, Mircea. *O Mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, 2000.

FLUDERNIK, Monika. *An introduction to narratology*. New York: Abingdon Press, 2009.

LEÃO, Irineu. *Contra todas as heresias – coleção patrística VOL. 4*. São Paulo: Paulus, 1992.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

ROBINSON, James M. (ed). *A Biblioteca de Nag Hammadi: A tradução completa das Escrituras Gnósticas – tradução Teodoro Lorent*. São Paulo: Madras, 2006.

____ (ed). *The Nag Hammadi Library in English*. 3a ed. San Francisco, Harper & Row/New York, Grand Rapids, 2000.

RODRIGUES, Elisa. As escrituras gnósticas e as origens cristãs. *Revista Caminhando*, v. 11, n. 1 [17], p.19-30, 2010 [2ª ed. on-line 2010; 1ª ed. 2006].